



Quebra de monopólio impulsionou indústria do petróleo

Síntese: *A abertura do mercado brasileiro de petróleo, antes restrito à Petrobras, à concorrência trouxe muitos benefícios ao país: a produção mais que dobrou nos últimos dez anos e as reservas cresceram mais de 70%. Mas a expansão perdeu velocidade no governo Lula: a média de crescimento anual de óleo extraído caiu a quase um terço do que era até 2002. Alardeada na campanha de 2006, auto-suficiência não existe: país importa 410 mil barris por dia e deve registrar déficit de US\$ 5 bilhões este ano. Antes bem gerida, Petrobras tornou-se moeda de troca política e hoje é, entre as maiores empresas do continente, uma das com menor rentabilidade.*

A realização da nona rodada de licitações para exploração, desenvolvimento e produção de petróleo e gás natural, ocorrida na última semana de novembro, abre uma boa oportunidade para se analisar a evolução desse setor no país ao longo dos últimos anos. Em agosto último completou-se uma década da entrada em vigor da Lei do Petróleo (nº 9.478/97), que abriu o mercado a empresas estrangeiras e pôs fim ao monopólio que a Petrobras exercia sobre a produção nacional de óleo e combustíveis. Por todos os ângulos que se observe, os ganhos para o país foram gigantescos.

A lei foi aprovada no governo Fernando Henrique Cardoso, sob forte oposição do PT. Dizia-se, à época, que quebrar o monopólio era franquear as riquezas brasileiras a investidores estrangeiros, em prejuízo da nação. Os fatos mostraram o contrário. Não apenas o país tornou-se um produtor mais relevante de petróleo (as reservas provadas, excluindo o campo de Tupi, colocam o Brasil em 24º lugar no ranking mundial), como a própria Petrobras tornou-se uma empresa mais eficiente – qualidade que, no entanto, vem sendo erodida em razão do uso político que o governo Lula tem feito da estatal.

Dez anos depois da abertura do setor, existem hoje 60 grupos econômicos atuando em exploração e produção de petróleo e gás no país. Destes, 32 são de origem brasileira e 28, estrangeiros. Desde 1997, a indústria de petróleo e gás natural expandiu-se significativamente. A contribuição do setor para a formação do PIB passou de 2,75% para cerca de 10% em 2006, segundo a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

Tamanho afluxo de novos capitais colaborou para que o país dobrasse a quantidade de petróleo produzido: de 306 milhões de barris, em 1997, para 629 milhões de barris no ano passado. A média diária de produção cresceu 120% no período. Nos últimos dez anos, as reservas provadas de petróleo saltaram de 7,1 bilhões para 12,2 bilhões de barris; as de gás natural passaram de 228 bilhões de m³ para 348 bilhões de m³. Como se vê, o Brasil ganhou muito abrindo-se à concorrência externa e permitindo que investidores privados ingressassem em áreas antes cativas do Estado – algo que a ideologia petista sempre exorcizou, inclusive na eleição presidencial de 2006.

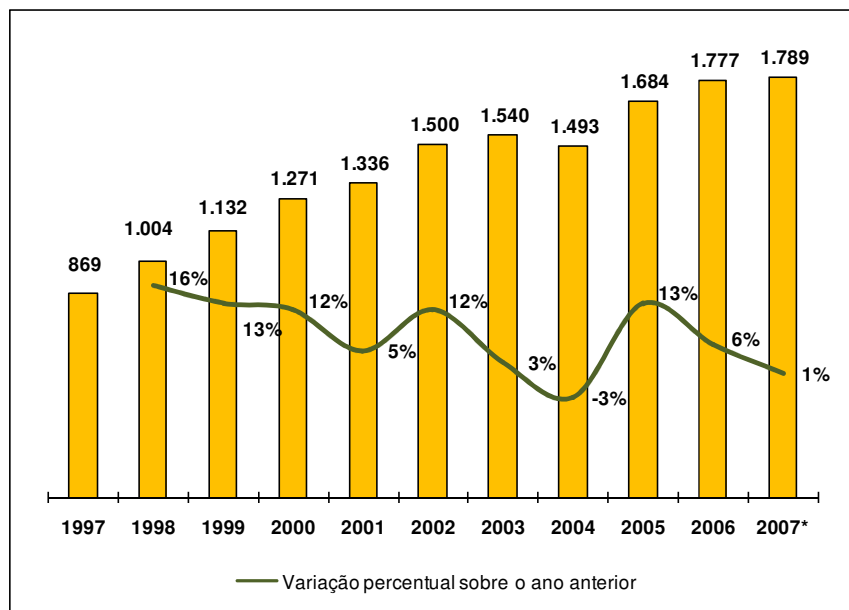
Em ritmo menor

Mesmo com esses consideráveis avanços, o setor perdeu dinamismo nos anos Lula. A produção diária de petróleo ilustra isso. Entre o ano da abertura do mercado e 2002, último da gestão tucana, o volume médio diário de óleo extraído aumentou 73%. No período, a média de crescimento anual foi de 9,6%. Na gestão petista, a situação é outra. Nos últimos cinco anos, a evolução na produção foi de apenas 19%, para a média atual de 1,8 milhão de barris por dia. O ritmo de crescimento caiu a praticamente um terço do que era: até agora, não passou de 3,6% ao ano na gestão petista. Em 2004, deu-se um fato inédito na história recente: a produção nacional diminuiu em comparação com o ano anterior, algo que não ocorria desde 1991.

Embora o governo alardeie, desde o ano passado, que o Brasil tornou-se auto-suficiente em petróleo, ainda somos importadores líquidos. Até setembro último, as importações de óleo somavam US\$ 8 bilhões, enquanto as exportações eram de US\$ 5,8 bilhões. O déficit é 20% maior que o registrado nos nove primeiros meses de 2006 e já supera o saldo negativo observado em todo o ano passado. Prevê-se que até o fim de dezembro o rombo atingirá US\$ 5 bilhões. A cada dia, o país importa cerca de 410 mil barris.

Nada disso impediu, porém, que o governo petista torrasse R\$ 37 milhões nos três meses que antecederam a disputa eleitoral de 2006 numa campanha publicitária para vender aos brasileiros a ilusão de que o país já se tornara auto-suficiente na produção de petróleo. A realidade é que, dado o tipo de óleo que o Brasil atualmente explora, é necessário importar algumas variedades mais leves, usadas na fabricação de alguns derivados. Neste ano, a média diária de importação líquida – ou seja, aquilo que supera a quantidade exportada – é de 68 mil barris, segundo dados até novembro. Este é um quadro que ainda vai demorar a mudar.

Produção nacional média de petróleo (em mil barris/dia)



*Até outubro. Fonte: Petrobras. Elaboração: Instituto Teotônio Vilela

Os desafios de Tupi

Um dos fatores que podem, efetivamente, contribuir para que o país deixe de depender de petróleo importado é a descoberta do campo de Tupi. Ele pode agregar entre 5 bilhões a 8 bilhões de barris-equivalentes às reservas nacionais. Entretanto, há um longo caminho para que isso se torne realidade – até porque o início da exploração comercial está previsto para apenas 2013. A começar pelos altíssimos custos incorridos na exploração de petróleo em alta profundidade na camada de pré-sal, como é o caso do novo campo. Cada uma das dez plataformas que deverão ser construídas deverá custar entre US\$ 3 bilhões e US\$ 4 bilhões. Além disso, os custos de extração no poço serão bem mais levados que os atuais – hoje a média é de US\$ 7,65 por barril, mais que o dobro do custo médio verificado no fim de 2002 (US\$ 2,93).

Sem Tupi, a Petrobras já tem previstos investimentos de US\$ 112 bilhões até 2012, mas sua margem para novos aportes tem sido cada vez mais apertada, dada a perda de rentabilidade verificada pela empresa. A estatal lucrou R\$ 5,5 bilhões nos nove primeiros meses deste ano, valor 22% abaixo da marca obtida no mesmo período de 2006. Em razão disso, a Petrobras apresentou a segunda pior rentabilidade, até setembro, entre as 17 empresas mais lucrativas do continente, segundo a consultoria Econômica.

Uma das razões para o desempenho cadente da empresa é o loteamento do seu comando entre aliados políticos. O que possibilitou a arrancada da Petrobras logo após a quebra do monopólio foi ter contado com gestão profissionalizada e boa governança, sem margens para composições políticas. Desde a chegada do PT ao governo, o que se vê é o inverso: a direção da Petrobras virou moeda de troca nas negociações políticas e está hoje retalhada entre PT, PP, PMDB e PTB. Para piorar, fazendo jus à lógica de inchaço da máquina patrocinada no governo Lula como um todo, a estatal contratou 7.500 novos empregados no ano passado.

O que não se pode perder de vista é que a Petrobras não é um feudo para uso e abuso político, como quer o PT. Lá está o dinheiro de acionistas que confiaram na boa gestão da empresa. Entre estes figuram 337 mil trabalhadores que transformaram o dinheiro de seus FGTS em ações da companhia, numa operação empreendida pelo governo tucano. Hoje, porém, mesmo com seus muitos avanços e os enormes desafios que tem pela frente, a empresa tem funcionado como muro de arrimo das contas públicas. No ano passado, deixou em caixa R\$ 27,8 bilhões, esterilizados para ajudar o governo federal a cumprir as metas de superávit primário – algo que poderia ser obtido de forma mais saudável com corte de despesas correntes.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação quinzenal do Instituto Teotônio Vilela.

Caso não queira voltar a recebê-la, clique [aqui](#).

Se preferir, basta responder este e-mail preenchendo o campo Assunto com a palavra "Cancelamento" e seu endereço será excluído de nossa lista.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 - 17º andar - Sala 1707 . CEP 70165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . e-mail: itv@itv.org.br . site: www.itv.org.br